

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA
Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

16.

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

AGOSTO 19, 1837.



NATURAES DA NOVA-GALLES DO SUL.

NOVA GALLES DO SUL.

DEPOIS que os assombrosos descobrimentos dos intrepidos e infatigaveis navegantes modernos deram a conhecer as innumeraveis ilhas do vasto Oceano Equinocial, assentaram os geographos que a maxima divisão da terra fosse em cinco partes principaes. As tres primeiras formam o antigo continente; a America, descoberta ha pouco mais de tres seculos, é a quarta; e a quinta, e mais recente, se denomina Oceania. Comprehende esta as ilhas do Oceano Pacifico (que é a mais vasta porção d'aguas em o nosso globo), e o archipelago ao sueste da Asia, entrando tambem a Nova-Hollanda. Está situada debaixo do Equador; ao norte d'Africa, e della separada pelo mar das Indias; ao sul e a leste d'Asia, donde a separa principalmente o mar da China; e ao oeste da America, sobretudo da Meridional. Divide-se todo este immenso archipelago

Vol. I.

em dezeseis grupos; mas como, nem é nosso intento, nem cabe em os limites do jornal, dar plena e circumstanciada descripção de todos elles, diremos quanto baste aos menos instruidos nestes assumptos ácerca da Nova-Hollanda, que vem a proposito de nossas estampas.

Esta ilha, a maior do mundo, que tem de comprimento de leste a oeste 1.100 legoas francezas, e de norte a sul 800 de largura, merece o titulo de continente, que alguns lhe deram; e por muito tempo foi reputada parte de um, imaginario, que intitularam *Terras Austraes*. As costas desta ilha foram chamadas *terras* de Carpentaria, de Wit, &c., á proporção que se iam descobrindo; denominações, que ainda conservam. O celebre Cook passou o estreito, que a separa da Nova-Guiné, em 1770, e deu o nome de Nova-Galles do sul á costa, que visitou; e a uma paragem della o de *Botany-Bay* (bahia botânica) pelo immenso

numero de plantas que alli encontrou: este logar foi depois escolhido para terra de degradados pelo governo inglez, mas como era doentio transferiu o estabelecimento para Porto Jackson, a cinco legoas do primeiro.

O estreito de Bass, capaz de navios de todos os lotes, a separa, pela banda de sueste, da terra de Van-Diemen, ilha que os Hollandezes descobriram, e a que deram o nome de Antonio Van-Diemen, general da sua companhia das Indias.

Os naturaes aborigenes da Nova-Galles Meridional, e da terra de Van-Diemen, são tidos geralmente por selvagens, que vivem sem restricção de leis, e sem raciocinio, nem moralidade; e como uma raça de individuos, que mal merecem o nome de *humanos*, e incapazes de civilisação e melhoramento.

Das raras tribus, que habitavam antigamente a terra de Van-Diemen, muito pouco se póde dizer; porque sempre foi muito limitada a communicação dos Europeus com essa gente. Parece com tudo, que a muitos respeitos differem dos habitantes da Nova-Hollanda; circumstancia digna de notar-se attenta a grande proximidade dos dois paizes, São d'estatura mediana, de côr quasi preta, e de carapinha como os negros africanos; usão de azagaias, que é a sua arma principal, arremecendo-a por modo diverso dos habitantes da Nova-Hollanda; e são mais ferozes, indomaveis, e vingativos do que estes. Aborrecem, e esquivam sempre a presença dos brancos. Como costumam caçar pelos escondrijos das serranias, e pela espessura dos bosques, é raro encontra-los neste exercicio. Espreitam sempre as oportunidades de roubar; e assassinam cobardemente os colonos intrusos.

Por isso estes lhes deram caça por tal fórma, que os aniquilaram quasi de todo, como a feras.

Os indigenas da Nova-Hollanda são um pouco mais doces; mas não ha povos que mais rebeldes sejam á civilisação; assassinam á traição o viajante incauto; e os Inglezes, que têm fundado naquellas costas estabelecimentos já ao presente mui lucrativos, não poderam ainda conseguir travar com elles alliança perduravel, vendo-se obrigados a usar de rigor, e a repelli-los para o sertão. Verdade é que tendo principiado a colonisação europea com gente no geral depravada, por ser o logar que o governo destinou para degredos, é muito crível que as ruins maneiras, e a immoralidade dos habitantes contribuissem para arraigar o odio que os Australenses professam á gente branca.

Todavia é um povo bruto, e miseravel por muitas razões; em geral são baixos, e de figura desastrada; e ainda lhes faz o aspecto mais horrivel a barba cerrada e preta, e os ossos que introduzem na cartilagem do nariz; não fallando na elegante moda de enlabezarem a cara com barro vermelho, ou branco, e n'outra tambem muito da paixão de todos os selvagens, que é untarem-se todos de azeites, ou oleos de certos vegetaes, pelo qual motivo exhalam um fartum de tombar. Pela maior parte são alguma cousa barrigudos, e tem o nariz chato, as ventas largas, os olhos encovados, e sobrancelhas espessas, os beiços grossos, e a boca enorme. Alguns são completamente negros, outros côr de cobre como os Malaios. Em summa, se não fosse a falla, pouco se differençavam dos Orangotangos. Já se vê que as mulheres correspondem no seu tanto a esta pintura dos homens. Tem havido viajantes que por lá acharam bellezas a seu modo; é um louvar a Deus haver optimistas de tão bom estomago!

Neste paiz a industria ingleza tem aproveitado as terras, e aclimatado os cereaes da Europa, e tambem os gados de toda a especie, com muito prosperos resultados, superiores sem comparação aos que obteve a companhia hollandeza das Indias, que por mal entendido ciume encobria cuidadosamente tudo o que

dizia respeito ás terras austraes; procedimento de que não tiraram maiores vantagens. Desde o seu descobrimento até que os Inglezes tomaram posse da Nova-Galles, todo aquelle paiz permaneceu no mesmo pé, e sem melhoramento. Mas agora os Inglezes, nação activa, e emprehendedora, e que hoje se regula por um mais liberal systema de commercio, tem alli fundado uma colonia florecente, que, progredindo, talvez venha a assombrar Batavia (1).

Os generos principaes da colonia são trigos, e carnes; mas não tem lá só gados e seáras; tem seus pomares, hortas, e até jardins. A população tem crescido, e póde qualificar-se deste modo: 1.º individuos, que vem espontaneamente d'Inglaterra e da India: 2.º os nascidos na colonia: 3.º os degradados por crimes, que commetteram na Grãa-Bertanha. Observaremos de passagem, por nos parecer curioso, que o numero dos degradados para a Nova-Galles Meridional, e para a Terra de Van-Diemen montou, nos annos de 1817 a 1820, a 22.217 homens, 3.661 mulheres.

Em Porto Jackson, que é o ponto principal da colonia, já se imprimem uns poucos de jornaes; e ha observatorio, jardim botanico, e museu d'istoria natural; e uma sociedade scientifica, que mantém relações com as da Europa.

Como a Nova-Hollanda está situada para lá do Equador, tem as estações ao inverso da Europa, como succede nas partes meridionaes da Africa, e da America; e por consequencia quando nós cá temos inverno é lá verão; e tem primavera quando nós o outomno.

Os indigenas, de que fallámos, trajam mui singelamente; o vestido principal é um capote de pelles d'animaes do paiz, posto sobre os hombros, e seguro ao pescoço com um cordel: na estação humida, e quando dormem, o trazem com o pello para a banda de dentro. Para fazer estas capas, procuram o numero sufficiente de pelles, e as estendem e pregam n'um tronco d'arvore para seccarem ao sol; e depois as esfregam, e amaciam pela parte interior, o mais que podem, tirando-lhes com todo o esmero quaesquer vestigios de carne, ou de filamentos, e tendo-as rabiscado de riscos, e garatujas encarnadas, as cozem umas ás outras com os nervos delgados do rabo de certos animaes.

Trazem sempre á roda da cintura uma correia, da feição de talim, que póde alargar-se, e apertar-se, como convenha, e é fabricada das fibras entretecidas dos mesmos animaes: de ordinario a alargam quando comem, e a apertam quando caçam, ou andam esfoameados. As mulheres tecem e arranjam estas correias.

Servem-lhes para trazerem penduradas umas tiras, ou coberturas, em vez de tanga; uma por diante, e outra pela parte posterior: as tiras tambem são de pelles, e sarapintadas. Dalli penduram tambem a sua bolça, que é feita de uma bexiga, onde trazem um, ou dois seixos, cujos usos se ignoram; e desde que conheceram o tabaco de fumo (de que são muito apaixonados, quer os homens, quer as mulheres, e até as creanças), a tal bexiga lhes serve de bolça de tabaco, e raras vezes anda vazia.

Ao contrario dos Van-Diemenses, tem o cabello, que é côr de azeviche, muito comprido; e o usam crescido, e atado em nó no alto da cabeça, deixando cair as bastas guedelhas para ambas as faces, e sobre os hombros. Se fosse penteado, e tratado com aceio, poderia servir-lhes de adorno, mas trazendo-o emmaranhado, e sujo com toda a casta de sebo, se faz aspe-

(1) Capital da ilha de Java, uma das da Sunda; grande emporio de commercio, pertencente aos Hollandezes; mas hoje muito decahido da sua antiga importancia commercial.

ro, e viscoso, tornando-os mais hediondos, porque até lhes serve para limparem as mãos, como toalha. Todavia algumas tribus, ao norte de Sydney, amarram o cabelo dispondo-o em fórma conica, e pregando-lhe no centro um feixe de juncos, de grande altura: outros usam de plumas de pennas de varias aves; e taes são os seus enfeites.

São dotados de vista agudissima; e por vezes tem servido de muito aos colonos, que vão ao interior, descobrindo pelos vestigios das pisadas os cavallos, e gados que se trasalharam. Basta mostrar-lhes os signaes dos pés, ou simplesmente o sitio onde os animaes foram ultimamente vistos, para lhes seguirem a pista, imperceptivel aos Europeus, ainda que seja por algumas milhas, e com tanta cautela, e certeza, como um cão de caça farejando uma lebre. Se quizerdes conhecer a que ponto chega a perspicacia de vista de um negro natural da Nova-Hollanda, atirai ao longe a mais pequena peça de moeda, e vereis como lhe descobre a direcção, e a paragem da queda: ou arremçai-lhe de distancia uma pedra com violencia, e vereis como a evita, ou aparando-a n'um bordão, ou furtando-lhe o corpo. Esta singular vantagem lhes é tão absolutamente necessaria para procurarem os meios de subsistencia, como a sua actividade, e destreza.

É prática universal entre elles, arrancarem, em chegando a certa idade, o dente maior da frente do queixo superior; porém não é sabido o motivo porque o fazem, nem como, e quando o fazem.

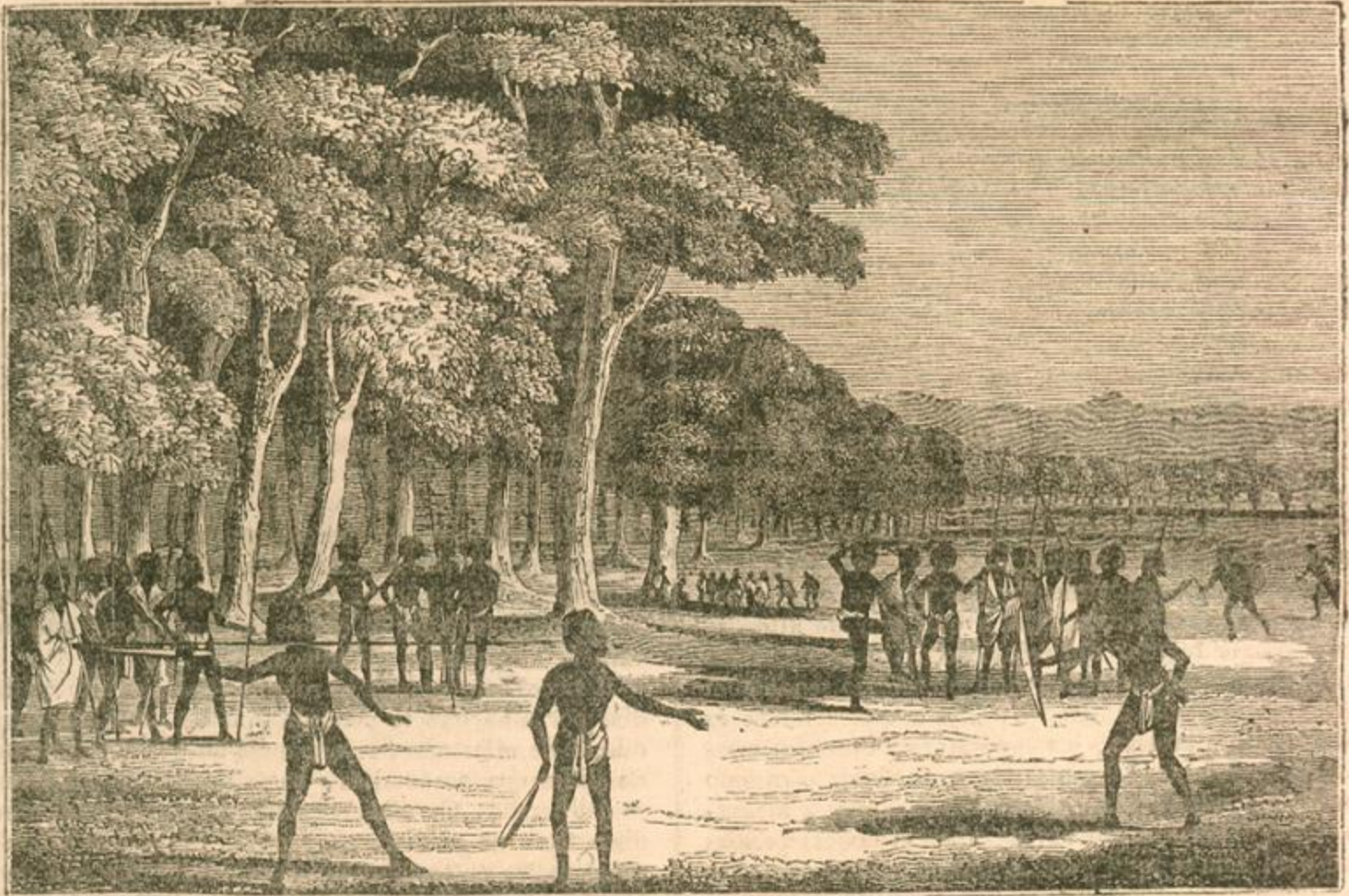
O modo de sarapintarem a pelle é tambem exquisito; porque meramente consiste em fazerem com a borda de uma concha aguçada uns riscos pequenos no peito, entre as espaduas, e nos braços, sem ordem nem regularidade: nos golpes introduzem um liquido, ou sumo, que fazendo erguer a pelle, ao cerrar as feridas, deixa tudo em costuras. Começam a dar estes riscos nos rapazes aos sete annos. Nunca porém rabiscam a cara, como fazem os Zelandezes, e outros barbaros.

As suas armas são varias especies de lanças, que empregam diversamente, e tem uma especial que lhes serve para fisgar peixe. Tem uma especie de massa; e alguns usam machadinhas feitas de páu ferro.

As suas cabanas são toscamente construidas, e mal merecem o nome de habitações; porém como elles não tem residencia fixa, e o clima é bello, e sadio, precisam de pouco abrigo, e esse mesmo temporario. Os utensilios tambem os não carregam muito.

Tem cada tribu o seu chefe, mas até ao presente ignora-se qual seja o seu direito, e authoridade: e como este povo é por extremo miseravel e estúpido, os seus regulamentos, ou código tradicional, devem ser mui limitados. E que leis póde manter uma gente vagabunda, e sem mais propriedade do que a caça, a pesca, e o mais que o acaso lhe depara?

Na primeira estampa verão os nossos leitores um casal destes figurões; e a que se segue representa uma cerimonia, que vamos explicar.



JUIZO POR ARMAS DA NOVA-GALLES DO SUL.

Quando algum delles intenta casar espreita entre as mulheres de outra tribu uma, que lhe agrada, e convida-a para que o siga; ella recusa; elle a ameaça, e por fim a desanca muito bem com um bordão, e depois de moída a pancadas, a leva de rastos para a sua cabana; e ahi temos o negro já com sua consorte.

Esta acção é de ordinario motivo de desavença entre as duas tribus; aquella, a que pertencia a mulher, exige reparação da injuria de lh'a haverem tomado á

força; para este effeito marca-se um ponto onde as tribus se reunam, e tem logar a cerimonia, que se vê na estampa. É uma especie de torneio, ou justa a pé, onde o campeão raptor vai na frente, e é obrigado a mostrar-se digno da noiva por seu esforço, actividade, e destreza; e ainda que rarissimas vezes acontece a morte do offensor, todavia tem de passar por apertadas provas a sua agilidade na defeza, e o seu valor no combate. É uma scena muito animada, e ao mesmo tempo ridicula. Só um certo numero de ho-

mens de cada tribu saem a encontrar-se, pintados todos de vermelho, para parecerem mais guerreiros, e terriveis. Quando os ranchos adversos se aproximam é facil distinguir a causa que os reune pelo clamor geral, que levantam, e a que logo succede um confuso palrar, como de gente agastada: mal se avistam começam de menear as lanças, e tomam varias posturas, como expressões de reciproco desafio. Passado breve espaço de tempo, a um signal do chefe, avançam para o centro do campo designado os homens escolhidos, separando-se para cada lado a chusma espectadora. O noivo sae sósinho á frente dos seus, armado unicamente com um escudo de madeira, de que usam para aparar os arremeços das lanças: dois ou tres da tribu hostile se lhe oppoem prevenidos com doze, ou mais lanças, e as jogam contra o adversario, que se lhes esquivava com grande agilidade. A cada tiro falhado retumba uma solemne aclamação dos circumstantes. Findo este primeiro acto segue-se um duello entre o raptor e um dos valentes da tribu da mulher, que sae do grupo escolhido; e armados de suas massas descarregam nas cabeças um do outro mutuamente rijas pancadas até que fiquem satisfeitos e pagos de sua valentia. Ás vezes acontece cair um sem sentidos, mas nunca resulta accidente fatal, porque tem uma prodigiosa dureza de craneo, que de mais a mais defendem espessos cabellos.

No fim do combate, de que ordinariamente sae victorioso o noivo, ergue-se novamente o clamor dos applausos: as duas tribus acampam juntamente por aquelle dia, que remata com danças de ambos os bandos.

PROCESSO PARA REGULAR AS PENDULAS E OS RELOGIOS.

JULGA-SE communmente que em se comprando e acertando um relógio, nada mais é preciso do que dar-lhe corda todos os dias para que ande sempre certo, sem ser necessario mecher-lhe. Algumas pessoas até chegam a crer que estas machinas devem seguir a marcha do sol, e combinar sempre com elle. Erros são estes que convém destruir antes d'expôr as regras prácticas que se dão no presente artigo. Diz respeito o primeiro particularmente aos relógios d'alguibeira, pois os melhores são sujeitos a variações, causadas principalmente pelas mudanças de temperatura, pelas posições dos relógios, e pelos movimentos que o corpo lhes communica. Ha relógios que andam regularmente em certa posição, e variam mudada esta, ou segundo os diferentes movimentos das pessoas que os trazem consigo; circumstancia a que tem de attender quem quizer regular um relógio como deve ser. Com tudo, devemos accrescentar que um relógio sendo bom fará mui pequena differença, sejam quaes forem as mudanças de posição, e temperatura; e que as mesmas circumstancias devem sempre produzir o mesmo resultado, quer tendam a adianta-lo, quer a atrazalo. O segundo erro provém de saberem poucas pessoas que o sol nem sempre gasta o mesmo tempo para chegar d'um meio-dia a outro meio-dia, e que por conseguinte nem todos os dias do anno são exactamente de vinte e quatro horas; porque umas vezes gasta o sol vinte e quatro horas e alguns segundos desde o meio-dia d'um dia até o meio-dia seguinte, e outras vezes vinte e quatro, menos alguns segundos, atrazando-se ou adiantando-se assim na sua marcha.

Por outro lado, as pendulas e relógios devem dividir o tempo com perfeita regularidade, e indicar sem discrepância o meio-dia todas as 24 horas.

Deu-se o nome de *tempo verdadeiro* ou *astronomico* ao tempo medido pelo curso do sol, e o de *tempo medio*, ao tempo reduzido a uma igualdade constante

pelo andamento regular das pendulas e relógios. Vê-se pois que um relógio ou uma pendula (todas as vezes que fallarmos nestes instrumentos entenda-se que os consideramos tão perfeitos quanto se-lo podem) não ha de encontrar-se todos os dias ao meio-dia com o meio-dia do sol, indicado por um relógio solar ou meridiana, mas haverá entre elles differenças, ou para mais ou para menos.

Calcularam os astrónomos uma taboa indicadora da hora que deverá apontar um relógio ou uma pendula em cada dia do anno, quando fôr meio-dia verdadeiro. A taboa de que fallamos costuma vir impressa no fim das folhinhas chamadas de algibeira, e, seguindo-a, apontaremos a marcha geral das differenças que ha no decurso do anno entre o meio-dia do sol, e o de uma pendula bem regulada.

Supponhamos que no dia 15 d'Abril, que é o da minima differença entre o tempo medio e o verdadeiro, se dá ao relógio ou á pendula mais 1 segundo, quando na meridiana fôr meio-dia; no dia 17 quando a meridiana indicar esta hora, apontará a pendula meio-dia e 31 segundos, e esta differença irá sempre crescendo até os 15 de Maio, em que será de 4 minutos e 1 segundo. Desde então diminuirá successivamente até 15 de Junho, dia em que será apenas de 5 segundos. No dia 17 será a differença de 20 segundos em sentido contrario, isto é, quando o relógio do sol indicar meio-dia, será na pendula meio-dia menos 20 segundos. Indo sempre em augmento a divergencia neste sentido, chegará a ser em 27 de Julho de 6 minutos e 1 segundo. No dia 30 divergirão já sómente os dois instrumentos 5 minutos e 58 segundos, e em 30 d'Agosto 22 segundos. No 1.º de Setembro indicará a pendula, á hora do meio-dia, mais 14 segundos do que a meridiana, e continuando o sol a adiantar-se, levará a dianteira á pendula de 16 minutos e 14 segundos em 3 de Novembro. Em 5 deste mez será a differença de 16 minutos e 11 segundos, a qual decerá, até ser, em 23 de Novembro, de 26 segundos. No dia 25 tornará a differença a ser para menos na pendula 34 segundos: crescerá d'ahi em diante até chegar a ser em 13 de Fevereiro 14 minutos e 38 segundos, e finalmente tornará a diminuir e virá de novo a ser, em 15 d'Abril, de 1 só segundo.

Segue-se do que temos dito que para acertar qualquer pendula ou relógio não se deverão pôr os ponteiros no meio dia quando o sol o indicar, porém na hora designada na supramencionada taboa.

Se o relógio se atrazar ou adiantar sómente um minuto por dia, não ha razão de queixa; mas as pendulas menos sujeitas ás causas das variações, não devem fazer tamanha differença.

É necessario acertar os relógios todos os oito ou dez dias por uma exacta pendula, ou por uma boa meridiana. Se elles não fizerem mais do que oito minutos de differença em 8 dias, basta acertar os ponteiros: se a differença fôr mais consideravel será preciso além disso tocar no *ponteiro do registo*. Dá-se este nome a um ponteiro posto sobre um circulosinho que está dentro do relógio, ao pé da roda do cabello, chamada *volante*.

Se o relógio se adiantar, andar-se-ha com o ponteiro do registo para a letra R, representada no circulo, e que significa retardar; se pelo contrario se atrazar, será necessario andar com o mesmo ponteiro para a letra A, que quer dizer adiantar.

Não convém fazer andar ao ponteiro do registo mais do que meia divisão do circulo de cada vez, salvo se o relógio fizer grande differença em 24 horas, como a de 4 para 5 minutos, pois então póde-se andar com o ponteiro uma ou duas divisões, conforme fôr a differença.

Para acertar um relógio metter-se-ha a chave na cabeça do eixo dos ponteiros, chamada *broca* em termos de relojoeiro, e far-se-ha gyrar o ponteiro dos minutos até que indique a hora e os minutos que se pretendem, havendo o cuidado de não fazer andar o ponteiro das horas sem o dos minutos.

Quando os ponteiros d'um relógio estão adiantados ou atrasados uma ou duas horas, convém andar com elles para o lado por onde possam chegar mais depressa ao ponto desejado. Não tem razão as pessoas que julgam estragar os relógios desandando os ponteiros, pois maior damno lhes causarão obrigando estes a dar mais voltas do que é mister. Esta regra é porém sómente applicavel aos relógios ordinarios: nos relógios de campainha, e nas pendulas deve sempre andar-se com os ponteiros para diante.

E' necessario dar corda ao relógio todos os dias á mesma hora, porque não sendo a força da mola sempre a mesma nas vinte e quatro horas, succede muitas vezes adiantar-se ou atrasar-se o relógio nas primeiras doze horas, e atrasar-se ou adiantar-se nas doze seguintes, sem com tudo deixar de estar regulado, por quanto o adiantamento de certo tempo é compensado pelo atrasamento do outro. Mas se não se dêsse corda regularmente ao relógio todas as vinte e quatro horas, aconteceria repetidas vezes continuar a adiantar-se ou a atrasar-se sem compensação.

Convém conservar sempre o relógio quasi na mesma posição, isto é, pendura-lo n'um prego quando se tira do bolso, e tomar sentido que fique bem encostado á parede, para que o movimento do volante não faça estremecer o relógio, communicando-se á caixa desamparada.

Deve-se conservar quanto fôr possível o relógio na mesma temperatura, e por isso no inverno, quando se tira, é melhor pendura-lo ao pé do fogão de aquecer o quarto, do que n'outro lugar.

Não se andarás com os ponteiros d'um relógio de repetição em quanto estiver dando horas.

Todas as vezes que um relógio de repetição dêr as horas muito depressa ou muito de vagar, corrigir-se-ha este defeito andando com outro ponteiro que existe na fabrica, para o lado da letra V (que quer dizer *veloz*) quando se quizer que dê as pancadas mais rapidas, e para o lado da letra L (que quer dizer *lentamente*) se se pretender que as dê mais pousadas.

Mancira de regular as pendulas.

Para adiantar uma pendula é preciso fazer subir a lentilha do pendulo por meio da porca, que está por baixo: para atraza-la faz-se descer a lentilha pelo mesmo meio.

Se a construcção da caixa da pendula não permitir tocar na lentilha, encontrar-se-ha no mostrador um quadrado d'aço, com que se andarás mediante uma chave, da esquerda para a direita para adiantar, e da direita para a esquerda para atrazar.

Não se obrigarão a retrogradar os ponteiros das pendulas de campainha mais do que meia hora, e isso mesmo é preciso faze-lo com precaução, e parar em se sentindo alguma resistencia; nem tão pouco se deve recuar o ponteiro dos minutos, quando estiver perto de 28 ou 55 minutos, isto é, estando o engenho das horas proximo a da-las; porque se então se achar o ponteiro mais para traz, succederá tocar a campainha, e tornando a tocar quando o ponteiro reverter ao mesmo ponto e passar á meia hora e á hora, deixará de condizer com os ponteiros, pois quando estes indicarem qualquer hora, dará a campainha da pendula meia hora. Em isto acontecendo, é necessario voltar o ponteiro dos minutos até que diste dois minutos

pouco mais ou menos da hora ou da meia hora, e então far-se-ha retrogradar até tocar a campainha. Andar-se-ha depois com o ponteiro para diante e a campainha tornará a tocar, e dará a hora e a meia hora quando o deve fazer, bastando dar aos ponteiros para os pôr na hora e no minuto.

Quando a campainha d'uma pendula deixa de concordar com os ponteiros, será preciso fazer gyrar o ponteiro das horas sem andar com o dos minutos, e pô-lo na hora da campainha. Depois far-se-ha gyrar o ponteiro dos minutos até que a pendula mostre a hora requerida.

Quem collocar uma pendula deve procurar que fique bem perpendicular, o que se conhece quando as pancadas são perfeitamente semelhantes, cousa que não tem lugar em ficando inclinada para a direita ou para a esquerda.

Se ella pender para diante ou para traz, póde a lentilha do pendulo roçar na caixa ou até na fabrica, e por conseguinte fazer parar o relógio.

O TRABALHO OU CINCO MIL CRUZADOS DE RENDA.

QUANDO eu tinha dezoito annos (ha que tempos isto vai!) costumava no verão ir passar os domingos em Versailles, onde minha mãe estava residindo. Para fazer o caminho, saía pelas barreiras de Paris, e ia na estrada esperar as seges que andavam nesta carreira. — Ao passar as portas encontrava sempre um pobre alto que gritava com voz esganiçada — *uma esmola pelo divino amor de Deus!* — O meu vintem ia-se-me sempre aqui.

Certo dia em que eu pagava o meu tributo a Antonio (que assim se chamava o pobre) aconteceu passar por pé um sujeito baixo, magro, esperto, e de cabello polvilhado, a quem Antonio dirigiu o seu esganiçado memento: — *quem me dá uma esmola pelo divino amor de Deus!* —

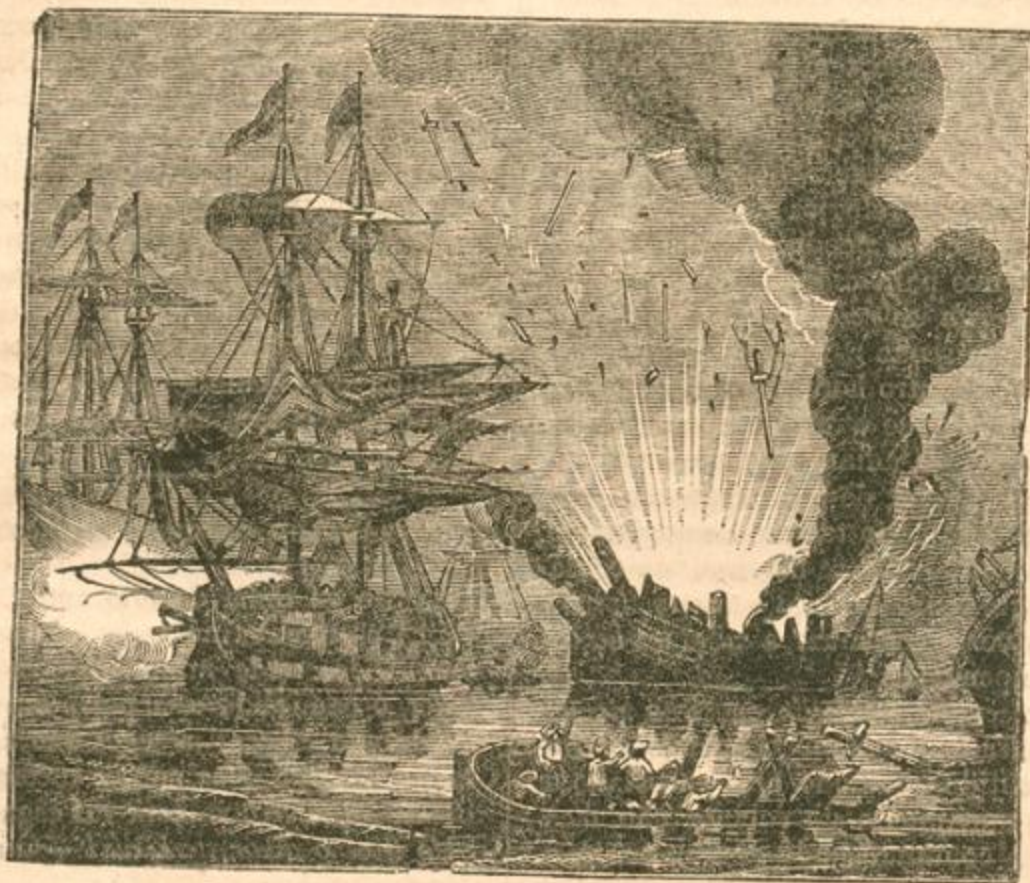
O sujeito parou, e depois de ter os olhos cravados no pobre por algum tempo, lhe disse: Parece-me que V. M.^{ce} póde trabalhar, e que não é lerdo; e dado o caso que seja o que me parece, porque anda exercendo tão vil officio? — Quero tira-lo desta tristissima situação, e dar-lhe cinco mil cruzados de renda. Posses o pobre a rir, e eu tambem. Ria quanto quizer, proseguiu o velho dos polvilhos, mas siga o conselho que lhe vou dar, e terá o que lhe prometto. Tem exemplo em mim. Aqui estou eu, que tambem fui pobre; mas em vez de mendigar, fiz de um cesto usado uma especie de canastra, com que ia pelas aldeas e cidades de provincia, pedindo, não esmolas, mas trapos velhos, que me davam de graça, e que eu vendia depois, por bom dinheiro, aos fabricantes de papel. Passado um anno deixei-me de pedir os trapos, e comprava-os, tendo, além disso, já um jumento e um carrinho para andar no meu limitado trafico.

Obra de cinco annos depois tinha de meu quinze mil crusados, e casei com a filha de um fabricante de papel, que me fez seu socio. Tinha a fabrica pouca freguezia; mas como eu era ainda moço e activo, fui trabalhando e poupando. — Hoje possuo duas propriedades de casas em Paris, e traspassei a fabrica a meu filho, a quem inspirei desde creança o amor do trabalho, e a perseverança nelle. — Agora, meu amigo, faça como eu fiz, e enriquecerá como eu enriqueci.

Dito isto, o velho se foi embora, deixando Antonio a scismar, por tal modo, que duas senhoras passaram por elle sem ouvirem a chiadeira esganiçada do mendigo — *ora dê-me uma esmola pelo divino amor de Deus!* —

Passaram annos, e estando eu em Bruxella, em 1815, entrei um dia na loja de um livreiro, para comprar certos livros. Um sujeito alto e gordo passava no armazem, dando as suas ordens a cinco ou seis caixeiros. Olhámos um para o outro, como que entre-lembrando-nos de nos termos visto algures. O senhor, disse-me por fim o livreiro, não ía todos os

domingos a Versailles, haverá vinte cinco annos? Pois, que historia é esta? — exclamei eu — : o senhor é aquelle pobre chamado Antonio?... Sem tirar, nem pôr, tornou elle: — Eis-me aqui. — O velho dos polvilhos tinha razão: deu-me com effeito cinco mil cruzados de renda. — *A. V. Arnault.*



EXPLOÇÃO DA CAPITANIA TURCA EM NAVARINO.

HISTORIA CONTEMPORANEA.

BATALHA DE NAVARINO.

HAVIA cinco annos que a insurreição gloriosa da Grecia contra os seus barbaros oppressores durava pertinazmente em meio da varia fortuna das armas: os Hellenos, que morriam tão heroicamente em defeza da Cruz, e da liberdade, conquistavam as sympathias do mundo civilisado.

Em quanto existiram as sedições politicas no Piemonte, e a revolução d' Hespanha, as potencias europeas olharam para a lucta religiosa e civil dos Gregos com indifferença e indecisão, e até o Congresso de Verona repelliu com certa dureza diplomatica as rogativas daquella nação; mas, por morte do Imperador Alexandre, rebentou no imperio Russo tão violenta sympathia a pró dos Gregos, que fôra impossivel a Nicoláu, seu successor, comprimir o impulso, que dava aos Russos a identidade de crença. Declarou portanto o gabinete de S. Petersburgo á Europa que estava decidido a prestar soccorro á Grecia; e a Inglaterra que desconfiada observava a influencia que a Russia ganharia no Mediterraneo, se intervisse só, consentiu, de accordo com a França, em um tractado especial, que foi assignado em Londres, e que tinha por objecto pôr termo ás desgraças dos Gregos: nelle se estipulou a independencia, e a demarcação da Grecia, e como ultima clausula se declarava que a Porta Ottomana seria constringida a acceitar os artigos estabelecidos pelas tres potencias signatarias.

Em quanto o Grão-Senhor fazia todas as diligencias para annullar, ou illudir os effeitos da intervenção, as potencias, que a tinham tomado a seu cargo, reuniam forças navaes, para a fazerem respeitar. Mandaram cada uma ao Mediterraneo uma esquadra de quatro náus de linha, quatro fragatas, e algumas

embarcações menores, de que eram commandantes, pela Grã-Bretanha o vice-almirante Codrington, pela França o contra-almirante de Rigny, pela Russia o conde de Heiden, os quaes concordaram nas medidas que tomariam para uma suspensão de armas, ou para impedirem as hostilidades entre os Gregos e os Ottomanos. Tinha ido ao Egypto um official inglez para prevenir o bachá das disposições tomadas, e convidalo a suspender a partida da expedição preparada em Alexandria: mas o bachá, a quem por tantas vezes se tinham attribuido projectos d' independencia, tinha declarado a sua determinada resolução de seguir as ordens e a fortuna do sultão, de quem era feudatario. Por isso, apesar das representações dos enviados das tres potencias, a armada turco-egyptica, composta ao todo de 92 vélas, ás ordens d'Ibrahim, filho do bachá, e de outro capitão, saiu do porto de Alexandria, escapou aos cruzeiros das nações alliadas, e entrou a 9 de Setembro de 1827, no porto de Navarino, que jaz na costa occidental da Morea, no golpho de Zunchio, chamado de Pylos nos tempos de Homero, e onde reinou o vividouro Nestor.

O almirante inglez, que foi o primeiro informado da entrada daquella frota em Navarino, se pôz a cruzar em frente deste porto, esperando a chegada das outras duas esquadras. A 19 de Setembro Ibrahim expediu Tahir-bachá com uma divisão de sua armada, na intenção de saber como se haveria o almirante inglez; mas assim que Sir Edward Codrington viu sair os navios turcos, enviou uma fragata ao commandante notificando-lhe que voltasse a Navarino, aliás empregaria a força para o obrigar. «Esta intimação, respondeu o Turco, me parece mui extraordinaria, e devo participa-la a Ibrahim, meu general em chefe.» Ibrahim, apenas foi sabedor desta ameaça, declarou que não começaria as hostilidades sem ordem formal da Sublime-Porta; em consequencia do que dava or-

dem para o Capitão-bachá se recolher ao porto. « Mas (acrescentou) saírei com toda a minha frota se o meu plano de campanha o pedir; e sem attenção ás forças combinadas, que pertendam oppôr-se, me arriscarei a todos os perigos, por maiores que sejam, afim de desempenhar o dever de general, a quem não cumpre interpetrar as instrucções do seu governo. »

Na manhã de 21, a esquadra franceza se reuniu á divisão ingleza defronte de Navarino. A 23, os dois almirantes sollicitaram uma conferencia com Ibrahim, que lh'a concedeu. « Recebemos de nossas côrtes ordem formal para fazermos cessar a effusão de sangue, e obrigarmos á força aquella das partes belligerantes, que recusar: os Gregos accederam a esta resolução; porém se vós teimais em querer continuar as hostilidades, poreis a vossa armada no maior risco, sacrificando os interesses de Sua Alteza, que deveis proteger e defender. »

Debalde trabalharam os dois almirantes com Ibrahim para que reconhecesse quão insufficientes eram os meios de resistencia da Porta contra a vontade das potencias alliadas. Ibrahim os escutou com tanta presença de espirito como attenção, e lhes respondeu: « Servidor da Sublime-Porta eu recebi ordens para dar impulso á guerra na Morea: todavia, não estando prevenido o caso presente, vou mandar correios a Constantinopla, e ao Egipto; e até que voltem, asseguro sob palavra d'honra que nenhuma das minhas embarcações sairá de Navarino. »

Não tardou a ser violada esta promessa. Indo a esquadra ingleza a Zante, e a franceza a Milos, a refazerem-se de viveres; deixaram cada uma sua fragata, para observar os movimentos da frota ottomana. Ainda bem não tinha fundeado em Zante o almirante Codrington, logo soube que trinta navios turcos, em menoscabo do armistício, tinham saído de Navarino; immediatamente se fez ao mar, e se dirigiu ao Turco, exprobando-lhe a sua falta de fé, e declarando-lhe que se opporia á sua passagem. Avisado ao mesmo tempo Mr. de Rigny pôz tambem a prôa a Navarino. Tendo a final chegado a esquadra russiana, os tres almirantes se reuniram: « E (diz o boletim official desta conferencia) considerando a violação da suspensão d'armas consentida por Ibrahim, a continuação do systema exterminador seguido pelas suas tropas na Morea, a inutilidade das representações, que se lhe fizeram, determinámos tomar posição com as nossas esquadras no porto de Navarino, para renovar a Ibrahim propostas evidentemente do interesse da Porta. »

Tomada esta resolução, foi deferido o commando, na fórma das instrucções, ao mais antigo dos almirantes, que era o inglez, o qual determinou os necessarios preparativos. Aos 20 de Outubro pelo meio-dia, as tres esquadras se metteram em linha de batalha. A frota turca constava então de 3 náus de linha, uma náu raza, 19 fragatas, 26 corvetas, 12 brigues, e 5 brulotes. As forças alliadas consistiam em 10 náus de linha, 10 fragatas, e algumas embarcações ligeiras.

Dado o signal para forçar a entrada do porto, o almirante inglez se collocou á frente da linha com as embarcações da sua divisão: seguia-se logo a franceza precedida pela *Sirène*, que arvorava o pavilhão do seu almirante, Mr. de Rigny: 4 náus e 4 fragatas russianas fechavam a linha. As seis embarcações da vanguarda passaram a tiro de pistola das baterias de Navarino sem que estas as encommoassem: tudo indicava que se não largaria fogo a uma escorva. Todavia a fragata *Darmouth*, que se adiantára para intimar aos brulotes turcos que se retirassem do ancoradouro occupado pelas esquadras alliadas, veio lançar ferro

ao pé dessas embarcações, e lhes expediu algumas lanchas. Um tiro d'espingarda disparado de um brulote matou o contramestre, a quem o commandante confiára o commando de uma lancha: seguiu-se vivo fogo de fuzilaria entre a *Darmouth*, e os brulotes inimigos. Eram duas horas da tarde.

Neste intervallo, sendo mandado um bote parlamentar pelo almirante Codrington a bordo da náu almirante turca, dahi dispararam um tiro d'espingarda, que matou o piloto inglez; ao mesmo tempo uma fragata deu dois ou tres tiros de peça sobre a *Sirène*; esta respondeu com uma banda d'estribordo; e n'um abrir e fechar d'olhos o combate se generalizou por toda a linha. Ás sete horas da tarde já a frota turco-egypcia não existia. Mais de 50 navios estavam incendiados, ou destruidos, nenhum caiu no poder dos alliados; todos os que estavam incapazes de combate foram queimados pelas proprias tripulações; e o almirante turco fez ir pelos ares a sua náu despregando nesse momento bandeiras e galhardetes. « Era um espectáculo (diz uma testemunha ocular) ao mesmo tempo horrivel e magnifico, ver os successivos incendios, e explosões, no apertado recinto onde se dera o combate. » O encarniçamento dos Turcos foi incrível: alguns dos navios alliados, que se acharam envolvidos no fogo, a tiro d'espingarda, ficaram tão maltratados na mastreação, e appparelhos, que foi necessario envia-los a Malta, e a Toulon para se repararem. A esquadra franceza teve de perda 43 homens mortos, e 65 gravemente feridos: a ingleza teve 75 mortos, e perto de 200 feridos. Os Russos soffreram menos, mas não mostraram menos habilidade na manobra, e vigor na peleja.

Porém todas estas perdas foram pouco consideraveis em comparação do estrago da frota ottomana, que se avaliou em muitos centos d'homens. Explicou-se esta differença pela sua inferioridade no manejo d'artilharia: a maior parte das explosões, em que tantos morreram, resultaram da desordem, que reinava a bordo dos seus navios ao lidar com a pólvora, e da pouca habilidade dos seus artilheiros.

VALOR CIVICO DE UMA PORTUGUEZA.

DEPOIS da morte d'elrei D. Fernando, intentando elrei de Castella apossar-se de Portugal, e havendo já entrado no reino á frente de um poderoso exercito, alguns senhores Portuguezes, esquecidos da lealdade, que deviam á sua patria, se submetteram ao Castelhano, e lhe entregaram algumas praças, que tinham em sua guarda. Estava a ponto de fazer o mesmo o alcaide mór de Trancoso, Gonçalo Vasques Coutinho, quando sua mãe D. Brites de Moura, mulher de singular virtude, e de coragem superior ao seu sexo, sendo informada do intento do filho, veio procura-lo, e lhe fallou deste modo: « Vossos antepassados, meu filho, sempre se distinguiram na lealdade e fidelidade á patria. Se vós intentais manchar e deslustrar o nome que tendes, embebei-me primeiro um punhal no peito, que não quero eu sobreviver á vossa infamia. Escolhei pois, ou a honra, ou a minha morte... Servi a patria, combatei os inimigos, morrei digno de ser meu filho. » Gonçalo Vasques deixou-se mover das energicas persuasões de sua mãe; e persistiu na lealdade, que devia. Não foi esta a unica occasião em que as mulheres Portuguezas deram notavel exemplo de coragem, valor, e patriotismo.

O bom despacho. — Chegou um homem á côrte de D. João 2.^o a requerer um officio que vagára. Foi fal-

lar a elrei, o qual lhe disse que já o havia dado. O homem beijou-lhe a mão, dando-lhe muitos agradecimentos, do que elrei ficou tão maravilhado, que perguntou ao requerente se havia percebido bem o que lhe elle dissera: «senhor, sim»: tornou o homem. Então elrei lhe ordenou repetisse o que lhe ouvira: «Disse-me V. A., respondeu elle, que já o havia dado.» — «E porque me dais por isso os agradecimentos?» — «Porque me podéra V. A. remetter a algum ministro que me trouxera apoz si um mez, no que gastára vinte cruzados que trago comigo. Foi por estes que beijei as mãos a V. A., porque delles me fez mercê.» — Elrei, ouvindo esta resposta, mandou-lhe dar o officio, e prover n'outro o que estava já despachado.

Methodo para affastar a cholera-morbus. — Durante a minha ultima jornada em Bundi, tive que divertir-me com o expediente do principe meu amigo para affastar a morte da sua capital, bem como o modo por que o velho regedor de Cotá se pertendeu livrar desta importuna hospeda. Havendo reunido os bramenes, astrologos, e mais gente versada em feitiçarias, preparou-se uma grande cerimonia, fez-se um sacrificio, e publicou-se um decreto de *desvatto*, ou desterro, contra *murri* (a cholera). Em consequencia disto arranjou-se para ella uma carroça adornada de emblemas funebres, pintada de preto, e puxada a duas juntas de bois negros: nella se pozeram cestos, tambem pintados de preto, com comida, para que a referida senhora não fosse sem matalotagem. Ía adiante um carreiro vestido de côr negra, e o povo de roda a gritar. Assim foi *Murri* levada atravez de Chumbul, com ordem expressa dos sacerdotes para não tornar a pôr pé em Cotá. Quando o meu amigo soube da expulsão da cholera de Cotá, e que se dizia que vinha caminhando para Bundi, chamou todos os sabios da cidade para verem como haviam de obstar a que ella ahi entrasse. Para isto requisitaram toda a agua do Ganges que se pôde pilhar, e pozeram vasos de barro cheios della sobre a porta do meio-dia, dos quaes estava continuamente pingando, para que nenhum mal por ahi podesse entrar. Se o deposito da agua benta que havia se acabou, ou se *Murri* fez pouco caso della, é o que eu não sei dizer; mas o certo é que chegou a palacio — e até o meu amigo foi victima della. — *Coronel Tod — Annaes do Rajasthan.*

Os Tartaros Calmucos. — As mulheres calmucas andam a cavallo melhor do que os homens. Um calmuco estando a cavallo parece bebado, e que vai cair a cada momento, posto que isto nunca lhe aconteça; mas as mulheres teem-se melhor, e mostram extraordinario geito para a equitação. Fazem-se os desposorios entre os calmucos da maneira seguinte. — A rapariga monta primeiro a cavallo, e corre á redea solta: o noivo persegue-a, e se a apanha, volta com ella para a sua tenda, e ficam assim casados. Ás vezes acontece não querer a rapariga casar com o que a deseja por mulher, e então não se deixa apanhar. Asseveraram-me nem uma só vez ter acontecido, que alguma rapariga fosse alcançada por este modo, salvo, tendo ella vontade de ser mulher do que a persegue. — *Clarke — Viagens na Russia.*

Tractamento utilissimo ás arvores. — As arvores costumam ás vezes cobrir-se de uma especie de musgo esverdeado ou amarellado: — este musgo é uma planta que se sustenta da substancia da arvore, e por consequencia lhe diminue o vigor: temos visto pomares inteiros cobertos deste lichen ou musgo, sem que os fazendeiros tractem de lh'o tirar. — Em algumas provincias da França costumam esfregar os troncos das

arvores tres vezes no anno com um pedaço de panno grosso ou de serapilheira, limpando-os muito bem destas pequenas plantas parasitas, e assim as arvores se lhes tornam frondosas e robustas, e dão mais e melhor fructa. Este tractamento é necessario principalmente nas arvores novas, em quanto não teem crescido quanto devem crescer.

Cozedura dos legumes farinaceos. — Duas coisas contribuem para fazer coriaceos e encruar os legumes farinaceos. Depende a primeira de terem soffrido mui fortes calores no estio, durante a sua vegetação; e a segunda da agua em que os cozem. Sabe-se que, por exemplo, a agua dos poços é impropria para semelhante uso, por causa da porção de cal que contém em dissolução; porém remedeia-se este inconveniente deitando dentro da panella uma boneca de panno da grossura de um ovo, cheia de cinza, a qual se tira, cozidos que sejam os legumes. A cinza fa-los cozer com mais promptidão, e poupa ao mesmo tempo o sal, de que se lhe deve deitar menor quantidade.

Outro meio de alcançar o mesmo fim consiste em deitar na agua em que se cozem os legumes, um pouco de vinagre, ou certa porção de azedas dentro d'uma boneca.

Preservativo contra o bolor. — Ha mil objectos de uso diario que o bolor ataca, e deteriora rapidamente; taes são, para citar alguns exemplos, a massa, a tinta, os couros, os grãos, os livros, &c.

Os perfumes, e principalmente os oleos essenciaes obram com a mais notavel efficacia contra este agente destruidor. Se deitarem um pouco de oleo de therebentina n'um vaso em que haja massa, de modo que ella fique coberta, acha-la-hão tão boa como no momento em que foi feita, quando a quizerem tirar desta especie de prisão, seja qual fôr o lapso de tempo decorrido desde que fôra assim privada do contacto do ar.

Uma pequenissima quantidade de oleo de alfazema ou de cravo deitada na tinta obsta a que crie bolor. Qualquer outra essencia produziria o mesmo effeito.

Nos armazens militares onde a conservação dos arreios e do calçado exige avultadas despezas, e onde muitas vezes o bolor causa em poucos dias perdas enormes, evita-las-hão sempre usando de oleos essenciaes, e principalmente do de therebentina, que tem de mais a mais a vantagem de ser de todos o mais barato.

Algumas gotas deste mesmo oleo bastam para preservar uma livraria dos estragos do bolor.

Com igual resultado tem sido empregado para conservar os grãos, objecto tão importante e difficil, sobre tudo nas longas viagens.

Não ha a mesma certeza a respeito da excellencia do oleo de therebentina para livrar a madeira do caruncho; com tudo, muitas tentativas felizes fazem esperar que tambem neste particular poderão obter-se resultados satisfactorios.

Finalmente temos nos oleos essenciaes, e com especialidade neste um meio infallivel de conservar as collecções zoologicas. Uma bexiga cheia de essencia de therebentina, e pendurada na casa em que estiver a collecção, será sufficiente não só para afastar della todos os insectos, mas tambem para matar as especies que fazem maior damno nestes asylos da sciencia, como são os escaravelhos, as centopeias, &c.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Direita do Arsenal N.º 55 = 1.º andar.